

As relações dialógicas na constituição do discurso do eterno feminino de Simone de Beauvoir

Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro Tortorelli; Daniele Aparecida Russo;
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto; Sandra Aparecida Pires Franco

Como citar: TORTORELLI, C. T. S. R.; RUSSO, D. A.; GIROTTO, C. G. G. S.;
FRANCO, S. A. P. As relações dialógicas na constituição do discurso do eterno
feminino de Simone de Beauvoir In: BRABO, T. S. A. M.(Org). Direitos
Humanos, gênero, cidadania e educação. Marília: Oficina Universitária; São
Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 317-330. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-279-6.p.317-330>



AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO DO ETERNO FEMININO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro Tortorelli

Daniele Aparecida Russo

Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto

Sandra Aparecida Pires Franco

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Propomos uma leitura do discurso de Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa, levando em consideração a relação dialógica com os discursos da sociedade. Sob a ótica da filosofia da linguagem objetivamos perscrutar o modo como essa relação se engendra dentro do campo da contraposição ao discurso patriarcal de que: “mulher é pra reproduzir”, “mulher é inferior ao homem”, “mulher é sexo frágil”, tendo em vista que o feminismo vai dizer: “mulher é pra ser o que ela quiser”; mulher é igual ao homem (e por isso os direitos precisam ser iguais); “mulher é sexo forte”.

Imersos na sociedade, neste diálogo, neste embate de forças, há negação do enunciado dominador e proposição de outro. Resultado da própria história da humanidade, há negação da própria existência pelas mulheres que procuram repetir as tarefas feitas por suas avós e mães. Ainda hoje, muitos serviços são exclusivos de homem e outros destinados apenas as mulheres. Isso mostra como o discurso do sexo frágil se aplica às práticas sociais de assimilações e/ou referências (várias) que afluem para edificar a ossatura de seu perfil de “subjugada”.

Na esteira da filosofia da linguagem, as relações dialógicas consideram o sujeito discursivo como imerso no dinamismo da troca verbal. Sendo assim, a dialogia assume, explícita ou implicitamente, a voz de outrem. As relações dialógicas acontecem entre sujeitos que, segundo Bakhtin (2003, p. 289), posiciona a voz do falante individual em uma “situação concreta da comunicação discursiva”.

Cumpre, neste momento, para entendermos a ligação de Simone de Beauvoir com o dialogismo, alinhar um percurso que nos leve a conhecer, as confluências que perfilam o diálogo, mediante o que a autora diz no livro *O segundo sexo*: “Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo ‘eterno feminino’ e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher?” (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 9).

Ora, diante dessa exposição, cabe-nos adentrar um pouco mais num extrato da história de Simone de Beauvoir, a fim de melhor entendermos suas proferições tanto na vida quanto nas obras. Primeiramente, apresentaremos a biografia e os principais aspectos da obra *O segundo sexo* (1970) de Beauvoir. No segundo momento, as analisaremos sob a teoria da filosofia da linguagem como forma de refletir sobre suas contribuições imersas na dialogia da vida.

APRESENTANDO A INTERLOCUTORA SIMONE DE BEAUVOIR

Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-lhe o homem dado baixa – até agora abominável –, ela também será poeta! A mulher encontrará o desconhecido! Divergirão dos nossos os seus mundos de ideias? Ela descobrirá coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas, tomá-las-emos e compreenderemos. (BEAUVOIR, 1970, p. 500).

Simone de Beauvoir foi poeta e com seus escritos literários anunciou, denunciou e militou em favor da mulher. Ao perscrutar um ajuntamento de leituras biográficas, de guardas de livros e outras informações de enciclopédias livres (BEAUVOIR, 2020), é possível dizer que Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma intelectual com audácia e à frente de seu tempo, figura importante e polêmica no século XX.

A situação social, cultural e política em que Beauvoir viveu foi pós Revolução Francesa em que os ideais políticos, apesar dos seus limites, abalaram a hegemonia monárquica européia e durante um bom tempo, a França se tornou um sinônimo de vanguarda e experimentalismo que transformou a sua capital, Paris, na histórica Cidade Luz. Além disso, a influência da cultura francesa alcançou tal ponto, que, nas primeiras décadas do século XX, a importação de seus modismos e costumes teve amplo espaço pelo mundo.

Na luta pela igualdade de gênero, a escritora fez parte da filosofia existencialista francesa contemporânea e deu nova roupagem ao existencialismo. Foi ativista política, feminista, professora, memorialista e teórica social francesa. Podemos dizer que as teorias da personagem em questão, apesar de bastante polêmicas para aquela época, ainda estão em pauta nos nossos dias.

Nasceu em 09 de janeiro de 1908, e morreu no dia 14 de março de 1967, em Paris, na França. Filha mais velha de Françoise Brasseur, costureira, e de Georges Bertrand de Beauvoir, advogado. O avô era

banqueiro, mas decretou falência e levou toda a família da alta burguesia a conhecer os caminhos mais pobres. Assim, o genitor de Simone de Beauvoir presume que apenas os estudos e o sucesso acadêmico poderiam dar às filhas melhores condições sociais do que aquela a que o avô havia deixado, já que não tinha um dote para o casamento. Simone e a irmã mais nova estudaram em uma escola católica para meninas e lá a feminista conheceu a sua melhor amiga, Élisabeth Lacoïn, a Zazá.

Aos quinze anos de idade, Simone decidiu ser escritora e já possuiu um jornal onde manifestou sua luta pela liberdade. Fez curso de Filosofia e conheceu os jovens Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e René Maheu na Universidade de Paris (Sorbonne). Escreveu a obra *Mémoires d'une jeune fille rangée*, em 1958, (Memórias de uma moça bem comportada) em homenagem à amiga falecida em 1929, em que afirmou ter havido “um assassinato disfarçado”, uma vez que a autora considerava que a moral burguesa foi, de certa forma, a responsável pela morte da amiga.

Beauvoir foi nomeada para dar aulas de Filosofia em Marseille e, em 1936, voltou à cidade de Paris para lecionar no Lycée Molière. Teve um relacionamento conturbado com Jean-Paul Sartre Sartre, mas não se casou, pois, segundo ela, vivia relacionamentos abertos. Porém, a autora foi sepultada no mesmo túmulo de Sartre no *Cimetière du Montparnasse*.

Diante da breve contextualização da vida de Beauvoir, seguimos com discussão proposta acerca das relações dialógicas na constituição do discurso do “eterno feminino” de Simone de Beauvoir, em que *flashes* de sua vida e obra são enunciados vivos na busca pela liberdade, emancipação financeira e social como mulher que lutava pela igualdade de gênero, um discurso tão pronunciado em nosso tempo.

SIMONE DE BEAUVOIR E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: VIDA E OBRA REFLETIDAS E REFRATADAS NOS DISCURSOS ATUAIS

Para compreendermos o diálogo de Beauvoir conosco, entre cronotopias diferentes, vamos penetrar no segredo dos seus enunciados fazendo uma viagem, ora pelo primeiro, ora pelo segundo volume e vice-

versa, do livro *O segundo Sexo*, publicado em 1949, o qual, inclusive, já começa provocando o leitor com o título. Por que *O segundo sexo*? O que há por detrás desse discurso? Quais são as vozes que gritam e pedem socorro? São muitas as questões a serem refletidas e analisadas. Volochinov (2017) e Bakhtin (2011) nos ajudarão neste diálogo. Beauvoir não monologa, mas dialoga com o leitor. Nesta relação dialógica, o leitor atual, mesmo em cronotopia diferente, tem atitude responsiva diante dos enunciados de Beauvoit. Enunciados estes encharcados de vida refletida e refratada em suas obras.

A autora revelou na arte a realidade vivida de uma época em que as mulheres eram silenciadas nas diversas instâncias da sociedade. Realidade esta que ainda arrasta seus tentáculos por toda a humanidade, mais fortemente em alguns países e menos em outros. A obra é densa com diálogos provocativos que nos fazem sair e adentrar nossas próprias sombras seja feminina ou masculina e tudo perpassa a existência humana. Por que e para que estamos aqui? Qual a nossa contribuição para que todos ocupem igualmente o primeiro lugar, “o primeiro sexo”? Diante da afirmação que “todo texto, escrito ou oral, está conectado dialogicamente com outros textos” (PONZIO, 2016, p. 102), conduzimos a discussão

Beauvoir, no segundo volume da obra *O segundo sexo*, (19, p. 9), insere a sua famosa e polêmica frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. No primeiro volume, ela argumenta contra a existência de uma essência feminina, visto que as vivências é que possibilitam o “tornar-se mulher”, e, basicamente, pelas vivências o sujeito constitui-se em alteridade com o outro. O “eu” é constituído pelo outro: “eu para o outro e o eu para mim”. O “eu” apenas existe a partir da relação com o “outro”, pois “a consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLOCHINOV, 2017, p. 97). A relação de alteridade organiza-se, nessa perspectiva, baseada na dinâmica entre o pessoal e o social, compreendida no contexto de mútuas e contínuas relações. É nessa dimensão sobre o lugar que o outro ocupa no processo de interação, é que a alteridade se situa.

O excedente de visão, segundo Bakhtin (2003, p. 21) torna-se possível na relação com o outro, “[...] pela singularidade e pela insubstituívelidade do meu lugar no mundo; porque nesse momento e nesse lugar, em que

sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”, daí essa dialógica de o “eu” ser construído pelas vivências. E nessa intersubjetividade, ainda na página 9, Beauvoir diz que “Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”. Um “outro” importante na relação com Beauvoir para entendermos seu discurso, foi Sartre, seu companheiro intelectual. Este que teve sua parcela de influência nos pensamentos da feminista. Jean Paul Sartre diz que o homem é livre para criar, não há nada predeterminado, mas tudo vai se produzindo. Diante dessa produção, há a angústia da liberdade no sentido de não se saber qual caminho seguir. É dentro desse caos que se estabelece a ordem dos escritos de Simone de Beauvoir, inclusive na obra em questão.

No primeiro volume de *O segundo sexo*, a autora aborda a desmitificação em relação à vivência da mulher, quem é a mulher e qual a essência feminina, o porquê de o feminino encontrar-se na condição de subordinação ao homem. Já o segundo volume é caracterizado pela experiência vivida, mostra como as mulheres, nas suas vivências, construíram sua essência. Há nesses escritos o que Bakhtin (2003) chama de grande temporalidade, uma vez que ela transcende sua época e ainda produz sentido durante a progressão inexorável do tempo. Há na memória cultural da humanidade esse devir acerca do feminino como diz a filósofa:

Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem ‘nós’. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em ‘outros’ os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem ‘nós’. Os homens dizem ‘as mulheres’ e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 13).

A sociedade composta por homens e mulheres, sempre diz “as mulheres são desrespeitadas pelos homens”, “as mulheres são discriminadas, inclusive as negras”, “as mulheres conquistaram lugar na política...” as mulheres são violentadas...”. Ora! Não empregamos o pronome na

primeira pessoa do plural “nós”. Parece que em alguma situação na vida não fizemos parte desse discurso. Não fizemos? Não somos sujeitos? Não falamos também pelas outras? Por todas?

Na abertura da quarta edição do livro *O segundo sexo*, v. 1, (1970, p. 6) há duas epígrafes. Na primeira, de Pitágoras, que diz: “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”. Na segunda epígrafe, do pensador renascentista Poulain de La Barre: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte”. Como se vê, há duas vozes que se contrapõem e, ainda, a intenção da autora ao escolher essas frases. Na citação de Pitágoras, há uma certa misoginia em que ele ataca a mulher e, em contrapalavra, há Poulain que defende as mulheres.

Na perspectiva da filosofia da linguagem, analisamos as tensões desse discurso intersubjetivo de Simone de Beauvoir acerca dessas duas frases, em que alteridade e dialogismo sobressaem. Os enunciados de Beauvoir são encharcados de tons axiológicos, são palavras obsetivadas do seu diálogo interior entendido a partir da dialogia da palavra alheia com as vivências, experiências e intenções da autora, considerando também o lugar de onde ela fala. Neste caminho, enveredamos a vida de Beauvoir para compreender seus sentidos.

As relações dialógicas expostas por Bakhtin (2011), organizam-se como relações de sentido entre os enunciados, revelando horizontes de expectativas, a “memória do dizer” por meio das histórias e vozes dos sujeitos envolvidos no processo. A filosofia de Simone de Beauvoir relacionada ao feminino dialoga com enunciados de seus interlocutores e, seus enunciados, passam a pertencer a seus leitores.

Imersos na dialogia, autor e leitor encontram-se durante a leitura e a atitude responsiva e responsável de cada um se faz necessária, “[...] cada um de meus pensamentos com o seu conteúdo é um ato responsável meu [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 44). Beauvoir (1970, p. 9) é a responsável por seu próprio dizer “sou uma mulher” conduzindo o leitor a refletir o que seria a ideia de uma essência feminina, em várias épocas, sociedades e culturas, extrapolando seu tempo. Ela nos leva a pensar no ideal de “o

eterno Feminino” e nos coloca numa relação direta com os problemas e denuncia a condição de inferioridade da mulher: “Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferecelhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve perpetuar-se.” (BEAUVOIR, 1970, p. 18).

Concordamos que sim, ainda hoje, perpetua a submissão da mulher em relação ao homem e o discurso da sociedade patriarcal ainda permeia muitas áreas da sociedade contemporânea como arrastado culturalmente, resultando em uma realidade que mulheres não alcançam a liberdade, tampouco a emancipação financeira e social.

Em continuidade, Beauvoir torna oportuna sua colocação ao dizer que há um perigo iminente, pois

A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina. No *Hebdo-Latin* um estudante declarava há dias: ‘Toda estudante que consegue uma posição de médico ou de advogado rouba-nos um lugar’. Esse rapaz não duvidava, um só instante, de seus próprios direitos sobre o mundo. (BEAUVOIR, 1970, p. 18).

De forma nítida percebemos enunciados reveladores de denúncia contra os direitos das mulheres “Esse estado de coisas” ainda perpetua. Não raro, encontramos homens dominadores e que temem a concorrência feminina, falam o que querem em enunciados machistas capazes de anular a mulher e deixá-la subjugada, por vezes de forma tão perspicaz e sutil que esse ser feminino nem percebe que está sendo colocada no subjugo, sem contar os prejuízos psicológicos, já que em diferentes situações, são agredidas emocional e psicologicamente.

Muitos discursos edificam e subjetivam os homens de uma época. Bakhtin (2011) situa o homem em relação constante com o mundo real que o cerca, já que o pensamento, para ele, representa um ato no existir no tempo e no espaço.” Além disso, as ciências das ideologias compõem a superestrutura que é criação humana e tem como base as relações de

trabalho, as relações econômicas, portanto, a estrutura. A literatura, por sua vez, é uma criação que refrata a relação entre a base e a superestrutura e nesta última, a literatura estabelece relação com as outras esferas e demais criações ideológicas. A literatura de Beauvoir tem, portanto, ligação direta com a estrutura e a revela em seus enunciados imersos na dialogia da vida.

Assim, Beauvoir questiona o ato de existir da mulher, tendo em vista que os direitos não foram capazes de libertar, na prática, as mulheres, por certo ficaram apenas na teoria. A crítica da pensadora é fortemente acentuada ao dizer que a mulher é tachada como “sexo frágil” e “objeto” de prazer.

O que convém à mulher é ser puramente carne; Montherlant aprova a atitude oriental: como objeto de gozo o sexo frágil tem um lugar na terra, humilde sem dúvida, mas válido; êle encontra uma justificação no prazer que o macho extrai desse objeto, mas somente no prazer. A mulher ideal é perfeitamente estúpida e submissa; está sempre preparada para acolher o homem e nunca lhe pede nada. (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 247).

E reunido a isso, igualmente o trabalho não conseguiu alavancar a situação feminina. A autora diz que a condição econômica modificada ainda não é o suficiente, dado que mesmo com a entrada da mulher para o mundo do trabalho, a sociedade continua masculina, machista e androcêntrica.

Isto posto, a solução encontrada é a ideia de que a mulher deve deixar de ser o outro para ser ela mesma, criando sua existência e não sendo colonizada pelos discursos do homem, trazendo para o mundo a perspectiva feminina. Sendo o homem um sujeito e a mulher outro sujeito. E nessa busca, há uma frustração:

Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho ‘fora de casa’ não representa no quadro do casamento senão uma fadiga a mais. Aliás, amiúde, o nascimento de um filho obriga-as a confinarem-se em seu papel de matrona; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade. (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 247).

Ao que se vê, a sociedade continua evoluindo pouco quanto a esse discurso. A mulher continua sendo “obrigada” a dar conta do trabalho dentro e fora de casa e da criação dos filhos. Entre a infinidade de assuntos temáticos acerca da condição feminina, sabemos que este artigo não consegue abarcar todos, temos um necessariamente merecedor de análise abordado por Beauvoir, no volume 2 de *O segundo sexo*. A manifestação da liberdade, da diversão, do prazer da mulher como ser humano e sujeito numa sociedade, uma vez que os homens se dão, culturalmente, o direito de se divertirem.

É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam-lhe a independência difícil. Se passeiam pelas ruas, olham-nas, abordam-nas. Conheço moças que, sem serem absolutamente tímidas, não encontram nenhum prazer em passear sozinhas por Paris porque, importunadas sem cessar, precisam andar sempre de atalaia: com isso todo o prazer se esvai. (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 72).

Ainda nos dias atuais, hodiernamente, as meninas não podem fazer tudo o que os meninos fazem. Elas são submetidas, desde muito pequenas, a lidarem com o que a sociedade exige em cada papel social. Na infância, nos oferecem uma lista de predileções, afazeres e tarefas específicas. Nomeadas socialmente como “coisa de meninos” ou “coisas de meninas”. Eles brincam com carrinhos, gostam de azul e de futebol. Sendo homens, não choram, aprenderam isso desde muito pequeninhos. Já as meninas brincam de bonecas, devem usar rosa e são comportadas.

Se as estudantes correrem as ruas em bandos alegres como fazem os estudantes, dão espetáculo; andar a passos largos, cantar, falar alto, rir, comer uma maçã, são provocações, desde logo são insultadas ou seguidas ou abordadas. A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si a que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na ‘moça bem-comportada’, mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso dominada, do que resultam tensão e tédio. (BEAUVOIR, 1970, v. 2, p. 72).

O trecho citado nos faz acreditar que, de fato, é preciso que haja uma superação dos estereótipos criados os quais seguimos desde a infância. Logo, a escola tem papel importante de conduzir as crianças a uma ampliação dos conhecimentos que possa permitir a elas perceberem que há discursos hegemônicos presentes na sociedade e que precisam ser repensados.

Discursos hegemônicos ou libertadores são palavras outras que constituem o sujeito. Bakhtin (2003, p. 295) assevera que nossos enunciados estão imbuídos de dizeres de outros e em um movimento ininterrupto de interações, a linguagem é instrumento de mediação na construção de nossa subjetividade. Linguagem esta que é viva e perpassa a dialogia da vida em contraposição da dos termos de forma da língua.

No nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...], é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 295).

À luz do dialogismo da filosofia da linguagem, compreendemos que o primeiro e o segundo volumes do livro *O segundo sexo*, de Beauvoir (1970), é um produto das relações sociais as quais a escritora estava inserida bem como reflexo e refração da realidade concreta vivida por ela. Percebemos a revelação da pessoa que fala, sendo possível dizer que as linguagens sociais são “pontos de vista específicos sobre o mundo, formas da sua interpretação verbal, perspectivas específicas, objetais, semânticas e axiológicas” (Bakhtin, 2003, p. 98). Além das interações com tantas vozes sociais em sua cronotopia, a obra de Beauvoir é um enunciado aberto ao diálogo com o leitor, interlocutor em cronotopias diferentes, imerso em realidade cultural, histórica e social diferente, mas que resiste e luta por motivos próximos: vozes sociais em dialogia na busca de igualdade.

Simone de Beauvoir de uma maneira filosófica, trata responsável e responsivamente o feminismo, assunto tão caro a sociedade, a humanidade. Ela disserta acerca de questões importantes quanto ao eterno feminino

Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia ruge-ruge para fazê-la descer à terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado. (BEAUVOIR, 1970, v. 1, p. 7).

Beauvoir questiona os caminhos da mulher na sociedade de forma poética e traz em sua literatura denúncias sérias, chamando a todos a resistência frente ao caminhar da mulher imersa em uma cultura desigual. Ao mergulhar na obra da francesa na busca de porquês, compreendemos que o feminismo provocou revolução muito significativa em nosso tempo. Embora estejamos ainda distantes da igualdade de direitos, reconhecemos que em um número cada vez maior de países, houve progresso expressivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos aqui uma leitura do discurso de Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa, sob a ótica da filosofia da linguagem e buscamos analisar algumas considerações das muitas abordadas no livro *O segundo sexo*. Consideremos que o pensar crítico de Beauvoir transcorre todo o conjunto da sua obra, marcado pela influência filosófica de Sartre e de vozes outras com as quais a escritora se relacionou durante sua vida. Vale ressaltar que se trata de uma reflexão com diversas vozes geradoras de tensões num discurso ainda vivo hoje.

Isto posto, impõem-se que as palavras usadas por cada “eu” provêm do discurso alheio e não são palavras isoladas, neutras e vazias de valorações, mas palavras alheias trazidas e usadas com uma determinada direção ideológica, expressando um determinado nexos com a práxis. Além disso, provêm de “determinadas linguagens, registros, de determinados gêneros de discurso, cotidiano, literário, científico etc.” (PONZIO, 2016, p. 102). Neste sentido, podemos dizer que as linguagens que constituem os enunciados de Simone Beauvoir são linguagens resultantes das suas

vivências, subjetividades e experiências que foram objetivadas em seus textos com muita sabedoria e encharcadas de sentimentos. Trata-se de palavra viva, prevendo e prevenindo suas possibilidades de retroação, de resistência, de recusa ou de eliminação de novos sentidos que lhe são atribuídos.

Os discursos alheios compuseram em dialogia com a subjetividade de Beauvoir e seus enunciados, nosso objeto de reflexão, foi o discurso poético de uma mulher de seu tempo, discurso esse recepcionado em sociedade como singularidade, sobretudo, literária. Não é difícil, assim, para o leitor de Beauvoir, perceber as múltiplas vozes em sua poética tecida e entremeadada com e em própria biografia, seus sentidos e sua estética de mulher.

Foi possível extrairmos dos escritos de Beauvoir o ser feminino. Uma poetisa que se dedicou aos sujeitos menos favorecidos, as que tiveram suas vozes silenciadas por séculos e que ainda carregam esses tentáculos... cedeu sua tessitura poética para contribuir com as que viviam – e, por vezes, ainda vivem – ocultas na sociedade: as mulheres.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 1.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 2.
- BEAUVOIR, S. Vida e obra. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/simone_de_beauvoir. Acesso em: 5 jun. 2020.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2016.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.